

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA  
PARTE II – OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA  
11 e 16 de maio de 2023

# LA BATAILLE DU RAIL / 1945

*(A Batalha do Rail)*

um filme de René Clément

**Realização:** René Clément / **Argumento:** René Clément, Colette Audry e Jean Daurand / **Fotografia:** Henri Alekan / **Música:** Yves Baudrier / **Montagem:** Desagneaux / **Interpretação:** Jean Daurand, Tony Laurent, Desagneaux, Leray, Lozach, Pauléon, Rauzéna, Redon, Salina, Woll, e os ferroviários da S.N.C.F. / **Narração:** Charles Boyer.

**Produção:** Cooperative Generale du Cinéma (René Clément) / **Cópia:** digital, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português / **Duração:** 82 minutos / **Estreia em Portugal:** S. Luiz, a 1 de Julho de 1947.

**Grande Prémio de Realização no Festival de Cannes de 1946.**

---

**A Batalha do Rail** é, ainda hoje, o filme mais importante sobre a Resistência francesa, devido ao seu carácter semi-documental. René Clément que nos primeiros anos da década de quarenta fizera vários documentários (Dois dos quais tendo já por motivo os caminhos de ferro: **Ceux du rail** e **Mountain**) começa, em 1944, uma nova curta-metragem dedicada à actividade dos ferroviários. Depois da Libertação essa curta-metragem dará lugar a um filme longo, onde à visão documental se acrescentará uma ténue linha dramática para ligar as diversas acções dos Maquis e da resistência dos ferroviários à utilização pelos alemães da importante rede de caminhos de ferro franceses. **A Batalha do Rail** mostra a evolução das acções de resistência: da utilização dos comboios como correio de Maquis e transporte clandestino em situações difíceis (no furgão de animais, nos reservatórios de água), passa-se a um grau superior, o da resistência activa com sabotagem e as retaliações alemãs fuzilando reféns. Aqui vale a pena destacar um momento admirável que tem lugar ainda ao começo. Na longa fila dos que vão ser fuzilados, a câmara detém-se no último fazendo-nos sentir a sucessão de execuções através dos seus sentidos: o som das detonações pontuam o seu olhar que percorre as coisas mais insignificantes, e que nesse momento adquirem um valor transcendente. É aquele belíssimo plano da aranha na parede, ou o fumo da chaminé, a última imagem que vê antes de ser abatido. Para a beleza deste momento e de outros que se seguem, muito contribui a fotografia de Henri Alekan no começo da sua carreira. A estas acções que se vão desenrolando até 1944 e que inclui a mais famosa sequência do filme: o assalto das Maquis ao comboio blindado e o massacre de que são vítimas, sucede-se o apoio dado aos aliados depois da invasão impedindo a circulação de abastecimentos e tropas pelos caminhos de ferro. Há nesta sequência dois momentos notáveis: um que utiliza magistralmente o suspense com os guerrilheiros tentando acender em vão o rastilho; o outro é o descarrilamento, uma verdadeira cascata de planos que se sucedem vertiginosamente do plano geral da queda, ao pormenor insólito final dum acordeão que em terra se fecha ao som dos últimos acordes. Estes

dois momentos e aquele que aponte atrás sobre o fuzilamento do ferroviário são praticamente os únicos que transcendem o lado documental para nos dar um sinal de diferença, um toque pessoal. É neles que se revela o Clément de **Monsieur Ripois**. O resto é uma ficção documental, que hoje nos surge vagamente marcada pelo tempo que contribui para pôr a claro as suas fraquezas. É sabido que o filme teve o apoio, pessoal e financeiro, da "Résistance Fer". Há por isso um certo empolamento da sua actividade que por vezes parece cair no exagero de certos filmes militantes de onde todas as contradições estão ausentes e marcadas por um maniqueísmo simplista, onde todos os "bons" são bravos e todos os "maus" são parvos: veja-se a facilidade com que os guerrilheiros desenvolvem a sua actividade mesmo nas barbas dos alemães. Hoje em dia já não tem cabimento a comparação que ao tempo foi feita entre **A Batalha do Rail** e **Roma Cidade Aberta**. O que pode confundir é o carácter artesanal de cada um deles. E por aí nos ficamos.

Mesmo datado, A Batalha do Rail ainda tem um certo poder de sedução que resulta essencialmente da sua qualidade de testemunho histórico. Mas este género de testemunhos vai sempre sofrendo, nos tempos seguintes, uma série de sobressaltos, quando outros testemunhos contraditórios começam a abalar as ideias feitas. Hoje a história da Resistência francesa, que teve o seu panegírico com **A Batalha do Rail**, passa obrigatoriamente pela visão desapaixonada de **Français si vous saviez** ou cínica de **Chantons sous l'occupation**.

"Du côté de chez Clément" **A Batalha do Rail** inaugurou uma auspiciosa carreira construída à base de triunfos que são equívocos e por alguns excelentes filmes que redundaram em fracassos (que pessoalmente muito me tocaram, mas não por isso). No primeiro caso vai das sucessivas vitórias em Cannes e Veneza (da **Batalha do Rail** às **Brincadeiras Proibidas**) que revelam uma cada vez maior maestria, um estilo elegante e rebuscado que mais aparece nestes filmes como um esteticismo para "épater le bourgeois", embora seja certo que a economia de meios dá origem a uma forma mais despojada (**A Batalha do Rail**, na sua versão integral, tinha 1.000 planos, o seu filme seguinte, **Os Malditos**, 700 e **Além das Grades** apenas 350). Mas esta parte do seu trabalho não deixa isso visível e culminará em **Paris Já Está a Arder** a **Batalha des Halles** com grossos legumes e muita alface. Os filmes excelentes (que os tem), estão noutra campo: nesse estranho e insólito **Monsieur Ripois** senhor do seu destino no melhor e no pior e que deu a Gérard Philipe uma das melhores criações da sua carreira, que a câmara acompanha com uma elegância a lembrar Ophus, ou esse fascinante e truculento grito de liberdade que é **Che gioia vivere** (Que bom é viver! - 1961) verdadeira apologia dos anarquistas no começo do século.

Manuel Cintra Ferreira